

Semiótica dos signos visuais e do design da informação



Bernard Darras

*Professor da Universidade de Paris
Centro de Pesquisa das Imagens, Cultura e Cognição
E-mail: bernard.darras@gmail.com*

O texto aborda o uso de signos na construção de representações do masculino e o feminino indicativos de ações que distinguem os espaços públicos aonde há separação dos sexos – banheiros públicos, por exemplo. O artigo dedica especial atenção às diferenças culturais que enquadram o uso dos signos. A partir de pesquisa bibliográfica, o corpus, constituído de exemplos internacionais, é analisado pela observação das variáveis que este sistema representa. Por meio de uma abordagem semiótica cognitiva, são exploradas as informações do processo de maximização e minimização das ambigüidades.

Palavras-chave: Signos, códigos culturais, semiótica cognitiva, comunicação.

Semiótica de señales visuales y el diseño de la información

Resumen: En este trabajo se aborda el uso de signos en la construcción de representaciones de lo masculino y lo femenino, conforme las acciones que distinguen los espacios públicos donde hay separación de los sexos - baños públicos, por ejemplo. El artículo presta especial atención a las diferencias culturales en el uso de los signos. El corpus de análisis, que consiste en ejemplos internacionales, es analizada por la observación de las variables que este sistema cultural presenta. A través de una aproximación semiótica cognitiva, miram se a las ambigüedades de información, su maximización y minimización.

Palabras clave: Signos, codigos culturales, semiotica cognitiva, comunicación.

Semiotics of visual signs and the information design

Abstract: The paper outlines the semiotical representation of gender, focusing mainly on the cultural differences that frames the signs of 'ladies' and 'gentleman' in many places - public toilettes, for examples. Grounded at first on a comprehensive bibliographical research, it deals with na internacional range of examples that constitutes the corpus. The gathered evidence is scrutinized from the point of view of cognitive semiotics, which provides the main theoretical reference of the paper. Results suggests that the framed semiotical codes tend to emphasize the connection to prior cultural references.

Keywords: Signs, cultural codes, cognitive semiotics, communication.

Este texto tem como objetivo encerrar o segundo livro de semiótica da série *Análises das imagens*.

Ele inclui os métodos semióticos que fazem parte dos dois volumes, oferecendo informações complementares.

Os estudos semióticos têm dois objetivos principais: o primeiro é o estudo sistemático dos signos de comunicação visual internacional e o segundo é de ordem metodológica. Por um lado, ele tenta mostrar a eficácia dos métodos semióticos complementares reducionistas; por outro, os interacionistas.

Os signos estudados são referentes aos símbolos masculinos e femininos usados para indicar ações e distinguir os espaços públicos em que há a necessidade da separação dos sexos.

Este estudo começa com a exploração de um corpus internacional destes signos mas-

culinos e femininos e pela análise das variáveis que este sistema representa. Ele, por meio de uma abordagem semiótica cognitiva, explora as informações do processo de maximização e minimização das ambiguidades.

Uma abordagem semiopoiética é então usada para desenvolver um modelo de influência dos diferentes sistemas de signos que estão no trabalho do design de informação (cooperação e competição inter-semiótica).

Uma abordagem semiopragmática permite inserir os signos em seu ambiente, por ocasião das ações que ocorrem. Ela termina em uma abordagem socio-semiótica crítica destinada a mostrar a contribuição desses signos na construção social e cultural do masculino e do feminino.

O capítulo termina com uma avaliação de alguns elementos metodológicos.

As perguntas iniciais

Este estudo dos pictogramas representa como os humanos foram, inicialmente, mostrados no livro de Alain Etchegoyen: *Elogio da feminilidade*, principalmente nesta passagem: “tudo o que é comum às espécies, tudo o que é diferente do sexo” (Etchegoyen, 1997, p. 119). De todas as diferenças, a diferença na morfologia dos sexos é aquela máxima entre os seres humanos. No entanto, por causa das regras sociais que regem a exposição e a dissimulação das diferentes partes do corpo, regras que são incorporadas como diferentes formas de decência e de pudor, são atributos que, precisamente, não podem ser expostos ao público. A questão central deste artigo pode ser formulada da seguinte forma: de que forma o gênero como signo pode ser compreendido se ele não se apresenta como tal?

Vamos tentar responder, tratando, sucessivamente, e, adicionalmente, a organização de signos existentes e, em seguida, vamos estudar os signos em seu funcionamento cognitivo, criativo, pragmático e social.



Figura 1 – Sinalização dos banheiros públicos. Brasil, Florianópolis

Os signos no sistema internacional dos signos

Os signos que são objetos deste estudo pertencem ao sistema de comunicação visual mais ou menos convencional e estabilizado e que tende a seguir certas normas internacionais, tanto no conceito quanto no seu processamento gráfico.

A primeira etapa deste trabalho foi a construção de uma coleção de imagens de todos os continentes. O objetivo da coleção não era o de constituir uma amostra representativa da frequência de uso de cada pictograma - o que teria sido uma operação difícil de conduzir - ou um estudo comparativo da influência de cada ambiente cultural - ainda um estudo a ser realizado - mas simplesmente uma exploração da diversidade e variabilidade dos pictogramas. Assim, é a busca de mudanças da sinalização que motivou a constituição deste corpus, que inclui mais de cem pares diferentes de pictogramas.

Se considerarmos apenas os pares de símbolos “femininos” e “masculinos” identificados em nossa amostra, temos acesso a uma gama, relativamente, ampla de figuras.

Um estudo estrutural e morfológico destes pares de pictogramas permite compilar uma lista de componentes.

Esta lista inclui os principais segmentos do corpo humano e suas variações dependendo do sexo do personagem. Todos os pictogramas da amostra podem ser considerados como “representados pela sua parte da frente”. Na verdade, eles são interpretados como tal, porque eles poderiam muito bem

ser representado de costas. Na maioria dos casos, não há sinais da face frontal ou da roupa. Isso é só porque a parte de trás da representação é rara e, portanto, semanticamente irrelevante, por isso mostra-se as figuras de frente. Os signos são claros em fundos coloridos escuros ou vice-versa. Eles são, por vezes, acompanhados de um texto, indicando os lugares que eles sinalizam e até mesmo informações sobre o sexo. Este é o caso do painel que tem a informação em Português *WC Feminino/Masculino*.

Os outros componentes inclusos em nosso estudo são:

A forma da cabeça e sua diferença potencial de tamanho – a maior é reservada para os homens – e a com cabelo é referente aos pictogramas femininos.

O pescoço é, normalmente, ausente e substituído por um vazio, por vezes, a cabeça é ligada diretamente ao tronco. Se o pescoço é desenhado, ele é mais grosso para homens do que para as mulheres.

Em alguns casos raros, uma linha marca a localização do seio feminino.

A largura do ombro é um diferenciador, frequentemente, utilizado. É maior para homens do que para as mulheres, mas eles são, às vezes, do mesmo tamanho. Em combinação com esse atributo, o desenho dos ombros tem duas formas: as faixas em ângulo reto ou arredondado. Estes são geralmente reservados para as mulheres.

Os braços podem ser mais longos para os homens e colocados em paralelo com o corpo ou formando um ângulo. Esta segunda posição é mais comum em pictogramas de mulheres. Os braços ficam em paralelo com as bordas da saia/ vestido com o qual eles se sobrepõem muito raramente.

Em geral, as mãos não aparecem em pictogramas. Elas são inclusas nos braços.

A passagem do tronco para a bacia está marcada ou não pelo tamanho. Esta morfologia é rara em desenhos de homens, mas é comum em mulheres. Em alguns raros pictogramas femininos, a silhueta tem um leve balanço.

O desenho das pernas dos homens sugere que eles usam calças. Em contrapartida, o desenho das pernas femininas é muitas vezes mais estreito o que, associado a usar o vestido ou saia, sugere que as pernas estão nuas. As pernas são, geralmente, desenhadas em paralelo, mas elas podem convergir para um ponto em alguns pictogramas femininos. Elas são, modestamente, apertadas em pictogramas de mulheres, enquanto elas podem ser ostensivamente ignoradas nos dos homens.

Saias ou vestidos são de comprimentos e formas variáveis. Longos, até os joelhos ou curtos, eles começam na cintura ou na altura dos braços. Eles podem ser em forma de trapézio ou curvos, com diversas variações.

Os pés e os sapatos são como as mãos: integrados ou ausentes.

Finalmente, é interessante notar que os dois símbolos são, geralmente, do mesmo tamanho, acontece que o signo masculino é maior do que o feminino.

Esta informação diz respeito à lateralização dos membros do casal. Homem e mulher podem estar à esquerda ou à direita do painel.

Como vimos, quase todos os componentes dos pictogramas podem ser utilizados para marcar o sexo de um ou outro personagem.

Os símbolos do painel que escolhemos para ilustrar este artigo são bons exemplos.

Quase todos os signos diferenciais usados na sinalização são informações muito redundantes, mas nesta área é possível aumentar ainda mais a diferença e redundância, isto é o que propomos no tópico seguinte e que nunca foi encontrado na sinalização real.



Figura 2

Em oposição a esta comunicação redundante, podem-se encontrar configurações muito mais discretas. Um signo pode ser suficiente para marcar o sexo. No entanto, todos os signos não têm o mesmo poder diferenciador ou a mesma eficácia visual.

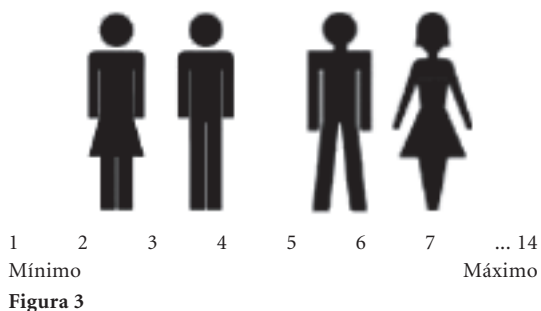
Assim, uma mudança na espessura do pescoço pode, sutilmente, ser o suficiente para distinguir as duas figuras, mas que não pode ser identificado e reconhecido como uma característica relevante.

Ele também pode funcionar se os dois símbolos estão associados no mesmo painel. Com efeito, se eles não podem ser comparados na mesma experiência visual, é pouco provável que sejam corretamente interpretados.

Na verdade, quase todos os componentes estão nessa situação de dependência contextual. Eles funcionam bem apenas quando o sistema está completo e eles não são legíveis em uma situação de autonomia.

Somente a saia (ou vestido) é um signo ideal. Ele combina as máximas vantagens das diferenças – nunca é usada por ícones masculinos – e os benefícios da autonomia. Com efeito, os pictogramas femininos com saia/ vestido operam somente em comunicação visual. A saia/ vestido também está quase sempre presente nos pictogramas identificados.

Estes dois pares de símbolos são as extremidades de uma escala de variações dos quais podem estar graduadas as figuras com base no número de seus traços sexuais e, portanto, funcionando por meio da redundância sexual caracterizada por cada símbolo.



A escala também permite interpretar a classificação dos signos. Nota-se que a gran-

de maioria dos pictogramas tem pouca informação redundante.

Dois ou três signos são suficientes para distinguir os sexos. Em seguida, observa-se o efeito da “tendência” (modo). Mais informações estão concentradas, mais pictogramas são difundidos nos mais recentes dispositivos de comunicação e são atualizados regularmente. Em contrapartida, as informações mais redundantes são numerosas, quanto mais os pictogramas são antigos e construídos em um ambiente “datado”.

● A Semiótica Cognitiva

Desde os anos 1990, a semiótica cognitiva experimenta um desenvolvimento significativo que está em movimento no desenvolvimento da ciência cognitiva, a psicologia cognitiva e da neurociência. Ela é particularmente interessada em saber como o desenvolvimento da mente trata os signos. Epistemologicamente, ela constitui um dos ramos reducionistas da semiótica que ajuda a abrir os horizontes para a ciência do cérebro e as questões do processamento da informação, da atenção, da memória, do reconhecimento, da antecipação, da inferência, da aprendizagem etc. O método de estudo utilizado aqui se refere ao trabalho de categorização e de esquematização que o tamanho desse texto não permite desenvolver. Então, o leitor poderá, entre outras coisas, acessar as informações sobre este assunto por meio dos seguintes textos (Darras, 1996, 1998, 2004).

Os signos da comunicação visual são desenvolvidos de modo a proporcionar recursos cognitivos (Haider e Frensch, 1996) aos usuários. Na maioria das vezes, esses signos foram desenvolvidos empiricamente, mas sempre com as quatro preocupações: serem identificados como elementos de sinalização, facilitar o reconhecimento, as inferências e a memorização. Desse modo, eles antecipam o trabalho do cérebro, reduzindo, comprimindo, separando, classificando, estereotipando e neutralizando as informações.

A preocupação de “fazer signo” e de ser identificado como tal, constitui a classificação das operações de informação no mundo visual. A fim de melhorar a sua identificação visual, os pictogramas que estudamos obedecem às regras do gênero “sinalização”. Para este fim, eles são geralmente colocados na área reservada para a comunicação visual. Eles são escritos em um painel mais ou menos padrão e adotam um tipo de gráfico linear de cor sólida. Suas cores são típicas da faixa de sinalização e são, por vezes, dobrados de informação textual. Todas estas operações permitem aumentar a lacuna com outros potenciais signos do meio ambiente e maximizar a sua distinção e a sua detecção. O painel que favoreceu o estudo reúne todas estas propriedades.

Duas propriedades semiocognitivas: a categorização natural, por um lado, e a neutralização por outro lado, são particularmente ativos.

A categorização

Nas diferenças das categorias aprendidas, especializadas ou científicas, as categorias naturais são entidades cognitivas resultantes das interações e das experiências coletivas que ocorrem na vida cotidiana. Elas são armazenadas na memória semântica de cada um. Cada categoria é dividida em três níveis de abstração, por exemplo, “animal” nível super ordenado, “cão” no nível básico e “dalmata” no nível subordinado (estes são os trabalhos da psicóloga Eleanor Rosch, que começou estas pesquisas em 1975 e terminou em 1978). O nível básico é solicitado durante o processamento de tratamento da informação cotidiana. Se eu mencionar um cão em uma conversa normal (não especializada) com uma pessoa que tenha uma experiência cultural próxima a da minha, nós chamaremos de uma e outra imagem mental de uma unidade canina do nível básico que é muito provável que seja comum. Não será um cão raro nem um determinado cão, mas um cão

típico ou médio. Um cão, muito canino, que não pode ser confundido com um gato, uma raposa ou um lobo.

Cada nível de abstração é uma espécie de “resumo cognitivo” constituído de propriedades em conjunto com um forte potencial de discriminação.

As pesquisas de psicologia cognitiva também demonstraram que os resumos cognitivos dos “objetos do mundo” são principalmente constituídos de propriedades figurativas. Desde a infância, por ajustamentos sucessivos com as propriedades selecionadas em sua comunidade interpretativa, os seres humanos aprendem a categorizar e comunicar, adaptando as suas categorias com a experiência consensual de seu ambiente. Os desenhos das crianças são precisamente compostos a partir dessas propriedades figurativas armazenadas, o que explica, em grande parte, a sua “semelhança de família”, mas também a sua proximidade com os pictogramas consensuais. Todas as figuras da comunicação visual consensual possuem a mesma fonte das propriedades figurativas do nível básico das categorias cognitivas (Darras, 1996, 1998, 2004).

O nível básico é aquele em que a informação é maximizada e a ambiguidade é minimizada. As imagens gráficas que vêm dele são as mais simples e destinadas para a comunicação e para a repetição. Os componentes dos pictogramas humanos que estudamos anteriormente são derivados das propriedades figurativas do nível básico e estão muito perto dos desenhos das crianças e da sinalização mais básica.

Os exemplos seguintes ilustram o que foi falado:

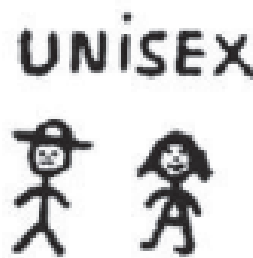


Figura 4 – Pictogramas da América Central

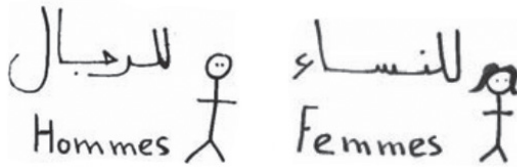


Figura 5 – Pictogramas da Tunísia



Figura 6 – Pictograma do movimento feminista francês “Os cães de guarda”

Nestes três casos, nota-se que a propriedade figurativa “cabelo” é usada como um típico atributo feminino. Este fenômeno, que também é dominante em desenhos de crianças, é uma das principais marcas da sexualização dos seres humanos.

A neutralização

A neutralização é outra operação cognitiva particularmente interessante para estudar. A esquematização do trabalho nos pictogramas é mais do que uma simplificação ou uma seleção de propriedades distintivas, é uma neutralização dessas propriedades. De fato, a neutralização impõe que cada propriedade seja selecionada no nível básico de sua categoria.

Assim, durante a fase de neutralização, as propriedades mais gerais e mais genéricas são privilegiadas em detrimento de outras.

A principal função da neutralização é que os signos (mentais e externos) podem ser utilizados na maioria das situações e contextos possíveis. Isso se aplica aos desenhos infantis, assim como com aos pictogramas de todos os tipos. Eles estão destinados a perder o máximo de traços singulares para serem utilizados no máximo de situações.

No caso que nos interessa, o pictograma pesquisado é uma figura humana neutra.

Um humano independente das diferenças de idade, de morfologia, de etnia, de classe social - o que é bastante fácil de conseguir - mas também deve ser uma figura assexuada. Este pictograma neutro pode ser recusado em todas as situações que necessitam dele e claro que pode ser enriquecido para marcar o feminino e o masculino.

Como tal, três combinações são possíveis para obter um par.

No primeiro caso, adicionar um signo do nível básico de cada sexo na figura humana neutra.

No segundo caso, ele só acrescenta um signo de nível básico do homem.

No terceiro caso, apenas adiciona um signo do nível básico da mulher.

Observamos nossa coleção, assumindo a hipótese que um signo humano neutro é a base da construção de pares de pictogramas: verifica-se que a adição de um signo feminino é a solução na maioria das vezes privilegiada, enquanto que apenas a adição de um signo masculino nunca é. Isso desafia nossas concepções de ambos os sexos e questiona a posição ocupada por mulheres em relação aos homens nas categorias cognitivas. Estas influenciando os sistemas de comunicação verbais ou visuais que as influenciam em troca. Ela pode ser interpretada de duas maneiras. Em um sistema dominado pelo pensamento masculino, o homem é concebido como o melhor representante do humano. Em francês, como em outros idiomas. Mas podemos mutuamente pensar que a mulher é sempre uma forma enriquecida do homem, uma vez que se funde com a base comum e neutra (este problema também existe em linguística).

No que diz respeito ao nosso estudo, fica evidente que os traços sexuais são marcas determinadas que “desneutraliza” a figura humana genérica. Os componentes dos pictogramas do “humano” devem, portanto, produzir uma neutralidade andrógina ou assexuada por serem representantes genéricos.

Eles precisam ser objetivamente neutros, para que assim eles funcionem na maior parte do tempo no processo interpretativo dos homens, mas também das mulheres. Assim, para todos, a interpretação do pictograma do elevador significa que não é reservado apenas para os homens.



Figura 7

No entanto, sob a pressão das lutas feministas e seus efeitos sobre a paridade em todos os eventos públicos, vemos o desenvolvimento de pictogramas mistos.



Figura 8

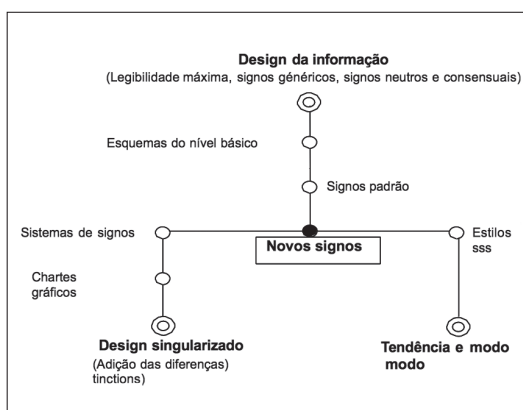
No exemplo a seguir, um pictograma de base neutra foi “feminilizado” pela adição de uma saia / vestido que leva a separação dos braços, e masculinizado pela ampliação dos ombros e a recuperação do canto dos ombros. Assim, como veremos mais adiante, estas distinções não contribuem ao fortalecimento dos papéis sociais tradicionais e sim a uma discriminação dos gêneros mais que dos sexos.



Figura 9

A abordagem semiótica poiética

O modelo a seguir não tem nenhum projeto prescritivo, ele apenas tenta organizar sistematicamente os processos semióticos envolvidos na produção dos signos da comunicação visual. Como tal, ele combina as abordagens semióticas já expostas com uma abordagem das influências exercidas durante o processo de criação, de concepção e de realização dos novos signos. Isso é o que chamamos de abordagem poiética.



Como este organograma mostra, a produção de um novo signo resulta das pressões que exercem os diferentes sistemas semióticos preexistentes. Aqui eles são agrupados em três categorias:

Em primeiro lugar, a família de sistemas cujos objetivos são cognitivos e consensuais. Esta família é composta pelo Isótipo¹ e pelos signos padronizados, mas também de esquemas do nível básico, dos estereótipos e dos tipos iconográficos produzidos por crianças (Darras, 1996).

Em segundo lugar, a família dos signos que se enquadram nos projetos de singularização: “charters” gráficos, imagens de marca, agência de estilo ou design. Você também

¹ No início do século XX, imbuído das ideias humanistas e sociais, o filósofo e cientista vienense Otto Von Neurath fundou o ISÓTIPO (Sistema Internacional de tipografia Imagem Educação). O ISÓTIPO que é a origem do modelo de design e do grafismo da informação favorece as formas adaptadas para uma sociedade de massas igualitária.

deve adicionar as pressões de coerência interna que exercem as regras do sistema de signo no qual o novo signo se insere.

Por fim, a terceira família de influência é da responsabilidade das tendências ambientais e gerais: estéticos, técnicos, artísticos, mas também ideológicos, que modelam os estilos, as aparências e as tendências.

No caso de pictogramas humanos, verificaram-se exemplos na tabela a seguir:

Nível de base	Isotipo	Sistema de signos
Tunísia	Índia	Taiwan
Charte gráfico	Estilo	
França	Taiwan	

Figura 10

A produção de um novo signo levou o designer (conscientemente ou não) a situar a sua criação na intersecção dessas múltiplas influências. Nesta área, o trabalho de Ravi Poovaiah, professor do Centro de Design Industrial do Indian Institut of Technology em Mumbai, na Índia. É bastante exemplar os seus estudos de caso sobre o assunto “sinalização” para um hospital. Eles são notavelmente expostos no site da <http://www.designofsignage.com/>.

Ravi Poovaiah expõe as inúmeras idas e vindas entre o trabalho de pesquisa dos designers e as descobertas da validação para as populações próximas afetadas pela classificação.

Da minha parte, nas aulas que leciono sobre esquematologia, eu prescrevo para os meus alunos de web design começar, sistematica-

mente, suas pesquisas gráficas, pedindo ajuda às crianças. Este é o caminho mais direto para acessar o nível básico das categorias cognitivas e suas propriedades figurativas, portanto as dimensões esquemáticas, neutras e consensualmente privilegiadas (Darras, 1996, 1998, 2004). Veja um exemplo realizado por um site de exposição sobre os nascimentos:



Figura 11

Finalmente, é interessante notar que a neutralização assim como a falta dela influencia o resultado final. Assim, os pictogramas oficiais e a vocação internacional têm a característica de serem os mais neutros. Por sua vez, os pictogramas da produção local e os ícones de destino locais são muitas vezes muito menos, o que para os usuários acostumados com a sinalização internacional, dá-lhes um encanto exótico e “provincial”.

Exemplos:



Figura 12

Sociosemiótica crítica

Esta última abordagem semiótica é dedicada ao estudo dos signos das relações sociais e culturais. Estes signos de relacionamentos surgem das escolhas e seleções feitas em todos os níveis de produção e interpretação. Eles são movidos ou guiados pelo estado do conhecimento e das relações de cooperação, negociação e poder na sociedade.

É assim que vamos tentar mostrá-los na conclusão deste estudo, esses modestos

pictogramas são ao mesmo tempo os gravadores e prescritores da tradição, inclusive politicamente correto em seus desenvolvimentos recentes.

● O corpo escondido

Vamos começar com o mais fundamental: se esses signos têm a intenção de dividir os usuários no espaço com base em seu sexo, uma comunicação direta não seria mais eficiente? Não é necessário comentar longamente essa questão para medir a sua incongruência. De fato, estas são as mesmas razões que motivam a divisão dos espaços que proíbem mostrar o não-apresentável, mesmo de forma esquemática. Os signos devem distinguir metaforicamente os dois sexos em toda a decência, sem nunca mostrar os próprios órgãos. É a relação com o corpo, as suas funções e as suas proibições que aqui é encenado. Os órgãos de eliminação e a sexualidade como signos não são representados por seus substitutos. Embora historicamente vestidos e saias fossem, indiferentemente, usados por homens e mulheres, no sistema da moda ocidental atual, não é incomum que uma analogia seja feita entre as formas do vestuário e os órgãos sexuais. Em todos os casos, as roupas funcionam tanto como os substitutos e os signos desses que eles escondem, incluindo a relação de vergonha com o corpo sexualizado.

Encontram-se, às vezes, as figuras na comunicação mais direta, mas elas são raras e vêm do mundo do grafite ou das imagens registradas da infância.



Figura 13 – Nos pictogramas da esquerda, a posição serve de signo distintivo, enquanto que, nos pictogramas da direita, a menina fecha as pernas e range os dentes na esperança de conter o seu desejo de ir ao banheiro. Este signo do Brasil (Curitiba) é um dos poucos a fazer este tipo de registro.

A proposta do arquiteto vienense Manfred Wolff-Plottegg para o café Korb em Viena é particularmente interessante, especialmente pelo desvio tipográfico.²



Figura 14

● A dominação ocidental

Vimos que a neutralização leva os designers a eliminar as propriedades secundárias para o benefício das propriedades principais que se tornam assim proeminentes e privilegiadas. Este é o caso para a saia / vestido para as mulheres e, em alguns casos, para a camisa e calças para homens ou “humano neutro”.

Não é necessário insistir sobre esta escolha da roupa tipicamente ocidental e ocidentalizada que cria um tipo de roupa dominante, relegando as túnicas, panos, saris, kimonos, cangas e outros djellabas nas esferas da roupa tradicional, arcaica, folclórica ou obsoleta. Em todos os casos, é o sistema de vestuário ocidental urbana que se impõe.

Ravi Poovaiah, que nós parabenizamos pelo trabalho, valoriza a diversidade, ao propor uma figura de homens rurais, além da cidade.



Figura 15

² Disponível em: <http://plottegg.tuwien.ac.at/Korb_WC.htm>.

Os papéis tradicionais

Voltemos ao funcionamento semiótico da saia / vestido. Além de suas funções de marcadores do feminino e de substituir os órgãos sexuais, ela simplesmente pode ser considerada como uma representação dos quadris e, às vezes, da cintura. Mais desenvolvidas em mulheres especialmente *gynoids* e mal sinalizadas nos homens, essas partes do corpo oferecem as propriedades figurativas ao mesmo tempo “desneutralizantes” e decentes. A roupa permite tanto habilitá-las quanto acentuá-las.

Um grande número de modelos de saias / vestidos é identificado na sinalização. Além da influência da moda, esta instabilidade formal mostra que o processo de neutralização não é completo e manifesta uma indecisão entre as funções sociais e semióticas de mostrar e esconder.

Os exemplos seguintes de pictogramas mostram isso:

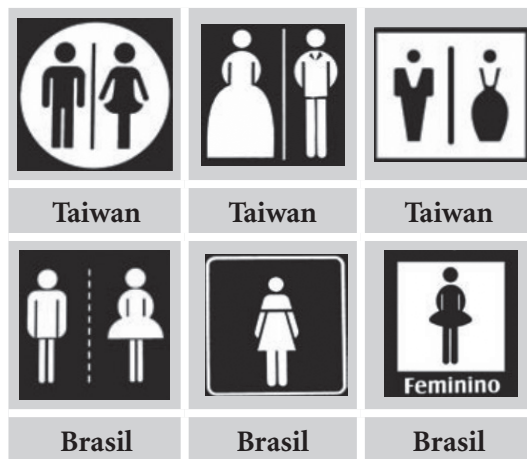


Figura 16 – Pictogramas de Taiwan e do Brasil

Como vimos, a masculinidade é representada por um aumento do tamanho do meio do corpo e dos ombros. Tal como dos quadris para o sexo feminino, estas propriedades figurativas correspondem bem as propriedades morfológicas médias (de acordo com os fisiologistas, estas diferenças são, devido à distribuição, quase oposta ao tecido adiposo no homem médio que está localiza-

do na parte superior do corpo e rara na parte de baixo, ao passo que na mulher média, ele está distribuído abaixo do umbigo).

A maioria dos pictogramas registra essa lacuna. Eles fizeram seu princípio.

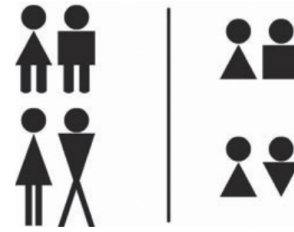


Figura 17

Em termos informativos, o privilégio concedido a estas diferenças morfológicas “médias” é relativamente eficaz, mas elas contribuem para o fortalecimento de algumas propriedades extrafisiológicas e morfológicas reproduzindo e reforçando as propriedades patriarcais tradicionais: as da mulher reprodutiva e comportada, e as do homem forte, protetor e dominador. É claro que os papéis sociais tradicionais estão presentes na comunicação visual e na sinalização. Note, no entanto, que, assim como as mudanças igualitárias nas sociedades democráticas, a tendência destes discursos imagéticos é menos tradicionalista e sexista.

Uma semiótica histórica que não desenvolvemos aqui permite acompanhar os signos de mudança. Aos poucos, as diferenças sexistas mais tradicionais desaparecem em benefício das formas mais neutras e politicamente corretas.



Figura 18 – França por volta de 1945 e Taiwan em 2005

Notamos aqui a hipersexualização dos pictogramas de 1945 e a relativa neutralização dos pictogramas chineses de 2005.

No entanto, os resultados ainda são ambíguos e discutíveis. Os homens ainda representam a força e a proteção para o “sexo frágil” e o confinamento das mulheres no seu papel de mãe e reprodutora comportada ainda é generalizado. Os seguintes pictogramas mostram as mudanças em curso e as ambivalências que resultam delas.

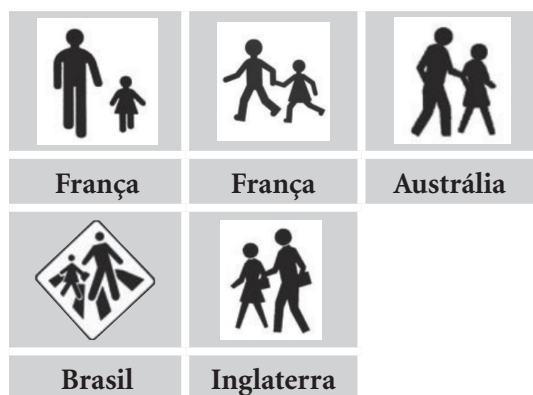


Figura 19 – Nestes gráficos de casais, o pictograma do homem é sempre maior. É também, na maior parte das vezes, aquele que guia.

Qual é o impacto dessas imagens na construção das representações dos seres humanos e dos seus papéis sociais? Pequeno, talvez, mas certamente não é insignificante.

Significativo, porque são precisamente as microrredes de consistência, as repetições das relações “inofensivas” e as construções “insignificantes” como estas que fabricam, mantêm e perpetuam as visões de mundo mais perniciosas que têm o “ar inofensivo”.

Além disso, os designers e os especificadores da sinalização continuam a reproduzir os modelos dominantes e reforçar as desigualdades sociais. Os hábitos de comunicação e as representações habituais se mantêm mutuamente. Alterar os primeiros é contribuir para a mudança dos próximos.



Figura 20 – França. Nestas unidades familiares, a mulher está no lado da maternidade ou na posição subordinada, depois os homens que abrem o caminho.

Conclusão metodológica

As cinco abordagens analíticas que foram apresentadas no último capítulo não são exaustivas, faltam-lhes os dispositivos baseados em pesquisas como as que temos apresentadas no primeiro volume de uma semiótica pragmática e cognitiva.³

Para concluir este trabalho, gostaríamos de destacar algumas questões metodológicas, muitas vezes deixadas de lado pelos pesquisadores.

O dispositivo significativo e seu ambiente

Como parte de um estudo semiótico, existem três principais formas de considerar a relação que o dispositivo significante³ mantém com o seu ambiente:

- No primeiro caso, um e outro são considerados distintos. O primeiro é então considerado como beneficiário de uma independência e de uma autonomia suficientemente forte em relação ao seu ambiente para ser isolado. Isso é o que fizemos durante o tratamento da estrutura do painel sinalizador “homens e mulheres”, e é dessa forma que é a maioria dos processos, dos autores deste livro.

- No segundo caso, a análise reconhece as interdependências do dispositivo significativo e de seu ambiente e ela os explora. Isto é o que tentamos fazer, colocando a construção dos signos em sua ação, na apresentação da abordagem pragmática da interpretação dos painéis “homem-mulher” por um indivíduo do sexo masculino acompanhado por uma menina. Os estudos pragmáticos geralmente caem sob este segundo tipo de abordagem.

- No terceiro caso, o dispositivo significativo e seu ambiente são apenas separados. Esta concepção privilegia a continuidade e, portanto, é um sistema que é projetado com seus componentes e suas relações mais ou menos fortes. De acordo com esta concepção semiocistêmica, já não há um texto e seu

³ DARRAS, B., Enquête sémiotique, dans DARRAS, Bernard. *Images et sémiotiques*. Sémiotique pragmatique et cognitive, Paris, Publications de la Sorbonne, 2006, p. 59-76.

contexto, mas um texto mais ou menos extenso, uma rede de relações que influencia e diminui à medida que se afasta da área significativa sobre a qual a atenção estava concentrada. Aqui tentamos fazer esta abordagem,

colocando o signo “homem-mulher” no sistema de signos marcados de gênero e da cultura que amplia e complementa a abordagem pragmática já mencionada.

(artigo recebido nov.2014/aprovado nov.2014)

Referências

- CORDIER, F., **Les représentations cognitives privilégiées**, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1993.
- DARRAS, B., **Au commencement était l' image**. Du dessin de l'enfant à la communication de l'adulte, Paris, ESF, 1996.
- DARRAS, B., L'image, une vue de l'esprit. Étude comparée de la pensée figurative et de la pensée visuelle, **Recherche en communication**, n° 10, 1998, p. 77-99.
- DARRAS, B., La modélisation sémiocognitive à l'épreuve des résultats des neurosciences. Le cas de la production des schémas graphiques, *Recherches en communication, Sémiotique cognitive – Cognitive Semiotics*, n° 19, 2004 p. 175-198.
- DENIS, M., Propriétés figuratives et non figuratives dans l'analyse des concepts, **L'Année psychologique**, 84, 1984, p. 327-345.
- DENIS, M., Formes imagées de la représentation cognitive, **Bulletin de psychologie**, tome XLI, n° 386, 1988, p. 710-715, 1988.
- ETCHEGOYEN, A., **Éloge de la féminité**, Paris, Arléa, 1997.
- HAIDER, H.; FRENCH, P.A., The role of information reduction in skill acquisition, **Cognitive Psychology**, 30, 1996, p. 304-337.
- LANGACKER, R., **Foundations of Cognitive Grammar**, Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R., Noms et verbes, **Communication**, n° 53, 1991, p. 103-153.
- LE MANER-IDRISSI, G., **L'identité sexuée**. Paris, Dunod, 1997, p. 12.
- RENZO di Renzo, **1000 Signs**. Köln, Taschen, 2004.
- ROSCH, E., Cognitive representations of semantic categories, *Journal of Experimental Psychology*, 1975, p. 192-233.
- ROSCH, E., Principles of categorization, dans: ROSCH, E.; LLOYD B.; HILLSDALE, N.J., L. Erlbaum. (Org.). **Categorization and Cognition**, 1978, p. 27-47.